PRESENÇAS DE MARCAS DE INABILIDADE NA ESCRITA ALFABÉTICA DO ESCRIVÃO JACOBINENSE: UM ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO DIACRONICO

RESUMO

O objeto estudado constitui-se nas marcas de inabilidade do português brasileiro deixadas pelas mãos inábeis do escrivão jacobinense, a partir de uma carta oficial de 1800. Para tanto, seguimos na literatura de Oliveira (2006), Marquilhas (1996) e Santiago (2012). No percurso metodológico, o *corpus* se constituiu nos dados da dimensão externa da escrita, sendo analisado a partir da identificação das possibilidades de representação de circulação do texto em que o redator inábil não se encaixa desta ou daquela época, ou daquele lugar, mas, sobretudo, nas suas características, atemporais. O perfil biográfico do redator da carta destaca uma situação de escolarização, mas não opõe as mãos reveladoras da vertente da língua portuguesa, sinalizando elementos que evidenciam tais mãos inábeis. Apresenta-se a descrição de algumas marcas de inabilidade na escrita: elementos supragráficos e paleográficos, segmentação gráfica, repetição, aspectos de aquisição da escrita, incluindo grafias para sílabas altas e médias, representação deslumbrada da escrita (MARQUILHAS, 1996), representação da nasalidade e representação de dígrafos, além de fenômenos fonológicos. Esse modo peculiar de escrita fornece pistas para reconhecer a amostra como representativa da vertente popular do português arcaico brasileiro.

Palavras-chave: Mãos inábeis. Português brasileiro. Correspondência oficial.

PRESENCE OF MARKS OF DISABILITY IN JACOBAN SCRIPT: A SOCIO-HISTORICAL DIACHRONIC STUDY

ABSTRACT

The object studied is the marks of inability of Brazilian Portuguese left by the Jacobin scribe's inept hands, starting with an official letter of 1800. For this purpose, we follow in the literature of Oliveira (2006), Marquilhas (1996) and Santiago (2012). In the methodological course, the corpus was constituted in the data of the external dimension of the writing, being analyzed from the identification of the possibilities of circulation representation of the text in which the awkward copywriter does not fit this or that time, or of that place, but above all, in their characteristics, timeless. The biographical profile of the writer of the letter highlights a situation of schooling but does not oppose the hands revealing the slope of the Portuguese language, signaling elements that evidence such awkward hands. A description of some marks of inability in writing: supragráficos and paleográficos elements, graphic segmentation, repetition, aspects of writing acquisition, including spellings for high and medium syllables, dazzling representation of writing (MARQUILHAS, 1996), representation of nasality and representation of digraphs, as well as phonological phenomena. This peculiar way of writing provides clues to recognize the sample as representative of the popular slope of the archaic Brazilian Portuguese.

Keywords: Hand in Hand. Brazilian portuguese. Official correspondence.

PRESENCIAS DE MARCAS DE INHABILIDAD EN LA ESCRITURA ALFABÉTICA DEL ESCRIBANO JACOBINENSE: UN ESTUDIO SOCIOHISTÓRICO DIACRÓNICO

RESUMEN

El objeto estudiado son las marcas de incapacidad del portugués brasileño dejado por las manos ineptas del escriba jacobino, comenzando con una carta oficial de 1800. Para este propósito, seguimos en la literatura de Oliveira (2006), Marquilhas (1996) y Santiago (2012). En el curso metodológico, el corpus se constituyó en los datos de la dimensión externa de la escritura, se analizó a partir de la identificación de las posibilidades de circulación de la representación del texto en el que el redactor torpe no se ajusta a este o aquel tiempo, o de ese lugar, pero, sobre todo, en sus características, atemporal. El perfil biográfico del autor de la carta destaca una situación de escolarización, pero no se opone a que las manos revelen la pendiente de la lengua portuguesa, lo que señala elementos que evidencian tales manos incómodas. Una descripción de algunas marcas de incapacidad en la escritura: elementos supragráficos y paleográficos, segmentación gráfica, repetición, aspectos de la adquisición de la escritura, incluidas las oraciones para sílabas medias y altas, representación deslumbrante de la escritura (MARQUILHAS, 1996), representación de la nasalidad y representación de dígrafos, así como los fenómenos fonológicos. Esta peculiar forma de escribir proporciona pistas para reconocer a la muestra como representante de la pendiente popular del arcaico portugués brasileño.

Palabras clave: Manos incómodas. Portugués Brasileño. Correspondencia oficial.

1 PRELÚDIO

Por mãos inábeis entendem-se as marcas reveladoras de escrita do indivíduo que parou em fase inicial de aquisição da escrita alfabética, ou pelo modo como são desveladas as marcas propositalmente de desvio de língua padrão, com intuito de reforçar o anonimato do redator. Marquilhas (1996, p. 278) afirma que o termo *mãos inábeis* é para os “falantes estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita”, são textos que apresentam marcas da oralidade escrita por indivíduos semialfabetizados com predominância das classes menos privilegiadas.

Esse traço de marcas de inabilidade está presente nos textos de relevância para a filologia e literatura ao considerar a riqueza de possibilidades que busca preservar as características da escrita, na expectativa da comprovação desses fatos linguísticos. Assim, os estudos das mudanças linguísticas encontram apoio, sem dúvida, nos textos de edição cuidada, em especial seguindo os critérios de um plano conservador.

Dá-se o nome de mãos inábeis, para os “falantes estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita” (MARQUILHAS, 1996:278), são textos que apresentam marcas da oralidade escrita por indivíduos semialfabetizados com predominância das classes menos privilegiadas. Em Troubetzkoy (1935, apud TELLES, 2008), a linguística histórica desenvolveu seus estudos para a vertente da escrita do sistema gráfico das línguas, e tal nível de estudos tem sido denominado de várias maneiras: grafognosia, por Claudio Rosales; gramatologia, por Gelb (com sentido diferente daquele de Derrida); grafologia, filografia, grafêmica, por Hall; grafonomia, por Hockett; grafemologia, por Nikolaeva e Avram; gráfica ou grafética, por Robins; grafemática por Alarcos Llorach (CONTRERAS, 1994, p. 123-124).

Optamos por utilizar o termo de Hall – o termo grafêmica para apontar/indicar tal nível de marcas que serão consideradas sob as mãos inábeis. Para tanto, o texto selecionado para este artigo traz uma análise dos elementos inábeis de um redator com um grau maior

de aquisição da escrita na exigência da escritura oficial, mas com um foco em aberto para construção do projeto de estudos posteriores.

2 EM (CON)TEXTO

Os estudos sócio-históricos do português brasileiro têm contribuído para os achados de *corpora* diacrônicos na análise e desenvolvimento histórico de uma língua, como ela surgiu, quais línguas influenciaram sua estrutura e uso, bem como as mudanças linguísticas ocorridas ao longo do tempo. Por esses estudos são consideradas as influências do processo de colonização para o acesso de aquisição da língua escrita, haja vista a difícil separação a exemplo de que para os filhos de índios a tarefa de catequização, e filhos dos senhores a escolarização. De certa forma, por um lado, foi possibilitada a formação de uma minoria culta e letrada; por outro, foi aumentado o número de não alfabetizados no país. Esse grupo falante das camadas populares foi tendo acesso à escola tardiamente, contudo, traziam marcas típicas do português popular para os textos escritos, fazendo uso da língua sem preocupações estilísticas.

Não se deve ignorar a relevância desse estudo sócio-histórico porque tem sido uma tarefa desafiante e importante para a história da cultura escrita. A constituição sócio-histórica da língua não só é composta de documentos escritos de sincronias passadas, levando em conta a dificuldade de acesso às falas dos indivíduos, mas também implica para os estudos dos textos que mais desvelam as marcas de inabilidade nos escritos. Coerentemente, a presença de marcas de inabilidade nos textos escritos varia de acordo com as habilidades da mão que os escreve, de modo que tais marcas são mais frequentes nos escritos dos que Marquilhas (2000) chama de *mãos inábeis*.

A linguística histórica tem sido compreendida como o estudo das línguas através do tempo, embora haja diferentes conceitos do surgimento desde o século XIX a partir dos estudos genéticos construído na Europa sobre as origens comuns e os desenvolvimentos históricos particulares de diferentes idiomas, e

isso se deve à expansão da língua nos territórios europeus e seu legado do latim vulgar. Esse marco serviu como divisor na história da linguagem por inaugurar uma perspectiva inteiramente nova dos condicionantes dessa relação e por construir um novo plano para sua análise. Ao longo do século XIX os desdobramentos desses estudos fizeram com que os pesquisadores buscassem articular as duas esferas em um mesmo plano de análise, construindo a abordagem histórico-comparada.

A linguística histórica constrói, a partir dos anos de 1800, uma metodologia para estudar essas regularidades, permitindo categorizar e justificar a identidade genética e a evolução paralela de cada idioma em um grupo aparentado. A recomposição (ou reconstrução) das etapas passadas em cada ramo de cada família de línguas se baseava fundamentalmente em fatos estruturais disponíveis para a observação, provavelmente, processos morfológicos ou fonológicos.

Nos estudos apresentados na tese de Marquilhas (1996), a investigação é sobre as cartas e bilhetes de denúncia à inquisição do século XVII, por indivíduos portugueses semialfabetizados; já Oliveira (2006) traz o estudo de atas escritas por africanos e afrodescendentes inábeis na Bahia do século XIX; e Santiago (2012), nos mesmos estudos das marcas de inabilidade em cartas pessoais de sertanejos baianos de século XX, é que aprimorou a intenção do estudo nessa literatura e acrescentou mais uma reflexão sobre as mãos inábeis de indivíduos que apresentam uma escrita conservada no português arcaico e que deixou marcas do português popular no texto.

Para Oliveira (2006 apud SANTIAGO, 2012), escritos trazem marcas de indivíduos pertencentes às classes subalternas, e seu estudo foi a localização e a edição de 290 atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia oitocentista. São documentos inéditos, uma amostra relevante para evidenciar a escrita dos negros na Bahia ao longo do século XIX, cujo um dos méritos é, de acordo com o próprio autor, em face de um *corpus* geral diacrônico para o estudo da constituição histórica do português brasileiro.

São documentos inéditos, uma amostra relevante para evidenciar a escrita dos negros na Bahia ao longo do século XIX, cujo um dos méritos é, de acordo com o próprio autor, em face de um *corpus* geral diacrônico para o estudo da constituição histórica do português brasileiro, “[...] consentir aproximações do que teria sido o português popular do passado [...]” (OLIVEIRA, 2006, p. 213).

Para Petrucci (2000), em relação aos redatores que escreveram mesmo sem o total domínio da habilidade de escrita, as informações sobre o seu perfil sociocultural contribuem para elucidar questões sobre os processos de letramento que possibilitaram os seus textos e sobre a difusão da escrita em determinado espaço/tempo. É imprescindível descobrir fontes escritas mais transparentes, ou seja, com índices que reflitam um pouco melhor certos traços de oralidade, seja pela inabilidade/desconhecimento por parte do indivíduo pela não familiaridade da língua escrita.

Estudar a presença de marcas de inabilidade nos textos escritos traz relevância para toda compreensão das influências da língua escrita no seu lugar cotidiano e das mãos inábeis que se manifestam através dos elementos gráficos.

3 SOBRE O CORPUS ESTUDADO

A cidade de Jacobina-BA não só apresenta seu passado, ela o coleciona nas imagens que estão espalhadas por toda cidade, nas paredes dos muros, nas escadarias do Cruzeiro e no Arquivo Público. Imagens que se somam aos textos escritos de tempos mais remotos.

Essa cidade formou-se e continua a se formar sob muitas etnias, pessoas de origens europeias, afrodescendentes e indígenas, todos juntos, um pouco de sangue e pele de diferentes lugares, épocas, saberes, expressões, se espalham, devido ao seu processo de colonização, já que foi inicialmente povoada por criadores de gado e teve seu crescimento maior no século XVIII, provocado pela exploração de ouro existente na Cidade.

Ao chegar a Jacobina, situada ao Norte, da chapada Diamantina, distante de Salvador 330 km, os visitantes encontram-se, subitamente, à frente de uma cidade de muitas belezas, dessas que já foram mencionadas e de um povo acolhedor. Por essa miscigenação, o dialeto jacobinense apresenta elementos fonológicos muito próprios dos falares africanos e indígenas, basta ver nos dias de feira livre (sexta e sábado) para se deparar com a fala vernácula dos seus grupos falantes vindos de várias regiões circunvizinhas.

A cultura letrada dessa cidade chegou pelos jesuítas como forma de instrução religiosa para os índios; e poucos filhos dos senhores de engenhos e pecuaristas tenham tido direito à cultura escolar. Mas, alguns indivíduos que não se conformavam com essa política, sobreviveram e conseguiram fazer o primário¹.

Assim, por uma inquietação e dispondo de um material interessante como fonte para uma sócio-história linguística da língua portuguesa é que oportunizamos nesse estudo uma carta oficial de 1800, do escrivão jacobinense para o intendente e comandante Arsenio Moraes. O redator pertencia à classe com privilégio de aquisição da escrita, porém é perceptível no texto que ocorre a presença de marcas de mãos inábeis de acordo as habilidades com a qual escreveu.

A escolha das cartas levou em consideração a temporalidade, já que as cartas começaram a assumir caráter de correspondência a partir do século XVII e posteriormente esse gênero perdeu esse formalismo excessivo e passou a ser considerada pessoal ou privada entre amigos e parentes. Sendo assim, esse estudo trabalha com uma correspondência de 1893 e procura mostrar/apontar no documento uma fonte valiosa e uma alternativa interessante para os estudos diacrônicos da língua falada, sua relevância como fonte investigativa que não pode e nem deve ser ignorada.

É um documento de propriedade particular da família Passos, localizado no Arquivo Público de Jacobina; é original, escrito em papel almaço, com duas laudas, sem marca d'água, e as questões iniciais que ocorreram foram: Que tipo de manuscrito é esse? Qual o perfil do

redator desse documento? Para qual fim a serve a leitura do documento?

Como escolha do gênero manuscrito, a análise dá-se a partir das características extrínsecas do mesmo, tornando os estudos paleográficos e filológicos como recurso técnico para investigar a escrita, as marcas de inabilidades que apresentam e como as línguas evoluem no decorrer do tempo. Trata-se de um alvará de licença passado ao Juiz de Direito Arsênio Cesar de Moraes como Tutor do seu sobrinho, para representá-lo nos termos dos bens do menor.

Esse documento contempla o período de afirmação do século XIX, refletindo uma grafia e vocabulário arcaicos e abreviaturas que analisaremos a seguir:

4 AS MARCAS DEIXADAS NO TEXTO

O *corpus* se compõe de uma carta oficial, mas com uma tônica de aproximação de escrita cotidiana, sob caráter afetivo, apresentando um significativo grau de transparência aos usos vernáculos. A seguir, a carta transcrita obedecendo aos critérios da semidiplomática.

1r] Juiz de Direito Alvará de licença passado a // requerimento do tutor Capitão // Arsenio Cesar de Moraes, na forma abaixo.

O Doutor Francisco de Souza Dias, Juiz // de Direito desta Comarca de Jacobina // com alçada na forma da lei.

Pelo presente // concedo licença ao Capitão Arsenio Ce- // zar de Moraes – tutor do menor seu cunha- // do Eduardo Dias de Moraes Sobrinho para // extrajudicialmente vender os bens simodestis // que tocareão ao dito seu tutelado // na partilha que se procedeo por // fallecimento de seus pais José Dias // de Moraes e Dona Anna Joaquina // de Britto e que se achaão arrolados // a folhas quarenta e cinco pela quan- // tia de dois contos de reis, e mando // que effetuada a venda, sem perda // de tempo, seja a mesma quantia // recolhida

ao comprador Abphaão por in- // termedio
da Collectoria desta Cidade // na forma da
lei, ficando, assim, in- // deferida a segunda
parte do pedido do tutor para ser o dinheiro
reco- // lhido a Caixa Economica e mantido
// [ilegível] embora seja esta garantida //
pelo Governo, por não ser coadunado //
[ilegível] com as leis vigentes que regulaõ // a
materia. Dado e passado nesta Cida- // de da
Jacobina, aos 24 de Março de // [1v] 1893 Eu,
Jose Teixeira, Es- // crivaõ de [ilegível] que o
escrevy // [ilegível] Francisco de Souza Dias //
N 399 [Não há estampa] R\$ 4,000 // pg quatro
mil reis [ilegível] Estadual // da Jacobina 24 de
Março de 1893 //

JSantos Saly

Instigada a partir da matriz da linguística histórica em que desenvolveu seus estudos para a vertente da escrita do sistema gráfico das línguas é que o desafio torna-se motivação para discutir a escrita de aproximação cotidiana dos indivíduos pertencentes à minoria, com pouco manejo da língua escrita em que, ocasionalmente, escreveu textos e que apresenta uma vertente para o português popular brasileiro de tempos muito remotos.

Com esse aporte teórico, a de se pensar nesse texto, na faceta do improvável, ou na afluência dele pelas impressões do redator, no registro da língua escrita a partir de elementos de aspectos gráficos, letra bem expressiva, de tinta marcante nas consoantes d, f, p e j.

Grafia arcaica: „Com alçada na forma da lei pelo prezente“ (presente)

„fallecimento de seus pais José Dias“
(falecimento)

„de Britto e que se achaõ arrolados“ (acham)
„que efetuara a venda“ (efetuara)

„regulaõ“ (regulam)
„Collectoria“ (Coletoria)

„recolhida ao comprador Abphaão“ (Abraão)
„como lei vigente que regulaõ“ (regulam)

Nessa grafia temos a considerar os aspectos grafêmicos, que são as formas que remetem à grafia etimológica, como „Abphão“; as consoantes duplicadas, algumas decorrentes de síncope da consoante intervocálica, „simodestis“ (sem modéstia); Transformação vocálica ou consonantal, a exemplo de vocalização – „escrevy“ (escrevi), nasalização – „achaõ“ (acham), desnasalização – „regulão“ (regulam); Variação entre vogais, -o / u – „precedeo“ (precedeu); abreviaturas arcaicas – “JSantos- Jose Santos” e “Saly- escrevão”.

CONSIDERAÇÕES

Pode-se dizer que a vertente do português popular influencia os textos escritos dos indivíduos portadores da aquisição da escrita, isto é, aparecem marcas típicas de mãos inábeis proveniente da sua *escriptualidade*.

O texto trabalhado evidencia marcas de inabilidade acentuadas no estudo das características do português popular brasileiro. Tal documento constitui uma fonte valiosa e uma alternativa interessante nos estudos sócio-histórico da vertente popular. Além de ser fonte para outros estudos da filologia e linguística histórica sincrônica.

Nos próximos estudos pretende-se analisar mais profundamente o *corpus* que é composto por 109 documentos, entre cartas oficiais, pessoais e bilhetes todos dos anos 180.

NOTA

1 Corresponde hoje a primeira fase do ensino fundamental (1º ao 5º Ano).

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Z. de O. N. *Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico-filológico*. 2005. 4v. 2.329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- CARNEIRO, Z. de O. N.; SANTIAGO, H. da S.; OLIVEIRA, K. (Org.). *Cartas brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português*. v. 3. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.
- MARQUILHAS, R. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. MATTOS E SILVA, R. V. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de *corpora* para o projeto Para a história do português brasileiro. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). *Para a história do português brasileiro – Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002. p. 17-28. v. 4.
- _____. (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP/FAPESP, 2001. p. 553-555, t. II.
- OLIVEIRA, K. Ajuntamento de fontes para a história do português popular brasileiro: amores, desamores e outras espécies de dores. In: OLIVEIRA, K.; SOUZA, H. F. C.; GOMES, L. (Org.). *Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 175-195.
- _____. *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. 2006. 3v. 1144f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- PETRUCCI, A. Escrituras marginales y escribientes subalternos. *Signo. Revista de Historia de la Cultura Escrita*, Universidad de Alcalá, n.7, p. 67-75, 2000.
- _____. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.
- SANTIAGO, H. da S. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano*. 2012. 2v. 421 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.
- SOUZA, E. C. (Org.). *(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- TELLES, Célia Marques (2008). Grafia de textos e fonologia do português nos séculos XV e XVI. *Revista da ANPOLL*, Campinas, n. 18. p. 43-58.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WALTER, H. *A aventura das línguas no Ocidente*. São Paulo: Mandarim, 1997.
- WORCMAN, K. Narrativas digitais: eu, nós e quem mais? A relação entre histórias de vida e museus digitais. In: OSWALD, M. L. M. B.; JUNIOR, D. R. do C.; WORCMAN, K. (Org.). *Narrativas digitais, memórias e guarda*. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 145-155.

O AUTOR

Luzineide Vieira de Sousa tem Graduação em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (1997), Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (2000), pela UEFS e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2016). Atualmente, é professor auxiliar da Universidade do Estado da Bahia.
E-mail: barbarabsp@usp.br